

Dietética judaica e relações de gênero: práticas em espaço familiar

Raymundo Heraldo Maués¹, Larissa Maria de Almeida Guimarães²
Alimentação judaica; gênero; espacialidade.
ST 06 – Comida e gênero

O presente trabalho tem como foco o estudo das relações estabelecidas entre judeus em espaço familiar, na cidade de Belém do Pará, através da análise das práticas alimentares cotidianas. Através da experiência etnográfica, pude perceber como as relações familiares em lares judaicos se desenvolvem, e como estas vivências são permeadas por valores muitas vezes ligados à religião e à particular religiosidade judaica na Amazônia, onde o processo migratório de judeus sefaraditas³ marroquinos ainda no século XIX marcou a própria maneira de professar a religião.

O estudo acerca da alimentação entre judeus vêm se desenvolvendo desde 2005, focalizando principalmente aspectos rituais, tabus religiosos e comensalidade. Resultado de pesquisa de iniciação científica, as idéias lançadas neste artigo não atingiram total maturidade, mas se apresentam enquanto esboço de uma análise em desenvolvimento.

Antes de tudo, é interessante mostrar um pouco da própria presença judaica na Amazônia. Como já citado, a presença judaica na Amazônia tem seu primeiro registro no ano de 1810, século XIX, e a principal rota de imigração era o interior do estado. No estado do Pará, houve uma intensa imigração de judeus provenientes do Marrocos. Bemerguy (1996; 2004) descreve os diversos incentivos feitos em solo marroquino, estimulando a imigração para solo Amazônico.

Mas a maior onda migratória aconteceu já no final do século XIX, com a valorização da borracha:

“No Pará, estabeleceram-se de preferência no Tocantins e no Baixo-Amazonas, naquele sobretudo em Cametá e Baião, e neste notadamente em Gurupá e Santarém” (MOREIRA, 1972: 01).

Nos interiores, vários judeus dedicaram-se ao comércio de *regatão*⁴. Muitos destes judeus vinham para a Amazônia sozinhos, aqui constituindo família, ou esperavam até acumular o suficiente para trazer suas famílias.

No início do século XX, com o declínio da exploração da borracha, muitas destas famílias judaicas migraram para a capital (Belém do Pará), onde construíram sua vida e compõem, hoje, uma das mais numerosas e expressivas comunidades judaica do país.

Moreira (1972) nos relembra que ainda no século XIX já havia em Belém estrutura para a realização de cerimônias religiosas. As primeiras casas de orações datam de 1823 e 1826, e delas resultaram as sinagogas⁵ Essel Abraham e Shaar Hashemaim, as quais funcionam até hoje; e a primeira Necrópole Israelita, datada de 1842.

Lins (2006), em seu trabalho sobre a presença hebraica nos interiores da Amazônia, constata uma particular forma de judaísmo, não restrita apenas à capital do estado. Através de descendentes de judeus marroquinos, residentes em cidades interioranas, foi possível perceber os próprios caminhos da judaicidade no Estado, e como o judaísmo é múltiplo em sua prática.

A partir desta idéia de diversidade de professar a religião, podemos pensar a questão da alimentação. Lins (2004) mostra como as adaptações alimentares em solo brasileiro aconteceram, com cardápios variados e adoção de produtos típicos da região, como a mandioca⁶.

Mas, no contexto atual, como a alimentação entre judeus acontece? Afinal, qual a importância de se estudar a alimentação judaica?

A alimentação hebraica é permeada por uma série de proibições relativas ao que pode ou não ser ingerido. Tais prescrições integram um código moral de conduta, que não se resume apenas à alimentação, mas a todas as esferas da vida, física e espiritual. A Cashrut⁷ reúne todas estas prescrições, e segui-la torna o indivíduo um ser pio, íntegro.

Os tabus alimentares judaicos, presentes na Torah⁸, prescrevem de forma minuciosa aquilo que pode o não ser ingerido. Aos animais, cabe uma série de rigores que, quando não respeitados, acarretam uma situação de impureza àquele que o consome. Tais regras se aplicam não somente a animais, mas a tudo que venha a ser ingerido e mesmo que entre em contato.

Be'er (2000:168) descreve que as leis de pureza e impureza relacionam-se a duas categorias: “[Aquelas] que se referem, principalmente, ao templo e ao seu status sagrado (...); e aquelas relacionadas à conduta diária dos indivíduos (...)”. Nosso interesse principal está relacionado à conduta diária de famílias de judeus, residentes em Belém do Pará e integrantes da Comunidade Israelita Paraense. Para isso, realizou-se entrevista com quatro famílias de judeus. Tomarei como família o modelo de família nuclear, por estas famílias serem constituídas, basicamente, de mãe, pai e filhos, quando não apenas do casal.

Tais famílias inserem-se em diferentes contextos alimentares. Trata-se de pessoas que, integrantes da Comunidade Israelita, têm momentos de interfaces, mas que vivenciam a religiosidade judaica (mais particularmente ligada à alimentação) de formas subjetivas, particulares.

No desenvolvimento do trabalho, muitas vezes realizado nas cozinhas destas famílias, pude perceber a maior inserção da mulher nos assuntos relativos à casa. Dona Carolina E. conta que muitas das receitas que prepara foram transmitidas pela sua mãe, e a esta pela sua avó. Muitos dos pratos preparados guardam lembranças da terra distante, trazem aromas e sabores do Marrocos.

Percebe-se que o lar judaico é um espaço prioritariamente feminino (mas não exclusivamente), e as atividades desenvolvidas dentro deste lar (e relacionadas a ele), são muitas vezes desempenhadas por mulheres. A maior inserção feminina nas atividades ligadas ao lar não é algo absoluto e evidente no contexto geral das famílias judaicas. Tais representações são muitas vezes reforçadas pela imagem que se consolidou da “mulher/mãe judia”, muito presente no imaginário coletivo judaico, tendo sido já foco e/ou citado em estudos acadêmicos.

“Símbolo do afeto exagerado, da abnegação culpabilizadora, ela é a heroína da família judia. Com efeito, ela assume uma das questões fundamentais do judaísmo: a transmissão. Em sua ‘cozinha-gineceu’ (J. Bahloud), submetida às regras de pureza de um local santificado, ela reconstitui a ordem sagrada do mundo. Mais do que um espaço funcional é um espaço social onde se recriam indefinidamente os fundamentos de uma ordem coletiva”. (SIMON-NAHUM, P. 405).

À mulher cabe o papel de transmissão e manutenção de um “estilo de vida judaico”. Cabem à mulher judia os cuidados do lar, e isto inclui a própria alimentação. O espaço da casa não é um absolutamente feminino, mas evidencia-se que é relegado à mulher a tarefa principal de manutenção deste mesmo, e de coisas a ele relacionadas (alimentação, educação dos filhos, organização dos objetos). A casa constitui um espaço demarcado por papéis bem delineados.

“A priorização das tarefas femininas voltadas para o lar - tomar conta da casa, das crianças e do marido - terá como consequência direta a limitação da função religiosa; portanto, a mulher fica liberada da obrigação do cumprimento de determinados preceitos judaicos que têm um momento específico para serem cumpridos”. (Kochmann, 2005: 06)

Durante o trabalho de campo, pude perceber que, quando se tratava da comida ou dos cuidados da casa, as mulheres eram logo evocadas. Quando interrogados sobre a participação dos homens nas atividades do lar, todos afirmaram participar de algumas, mas coube às mulheres o papel de explicar todos os aspectos da vida familiar.

Deste modo, percebe-se bem que, quando se trata da casa e da família, as mulheres são logo acionadas. A manutenção da santidade, no espaço privado do lar (da família), torna-se tarefa das mulheres judias. Aos homens, cabe a realização da liturgia sagrada, as atividades religiosas no espaço público, nas sinagogas. Tais configurações não são estáticas, muito pelo contrário, já se tem notícias de mulheres exercendo funções religiosas em sinagogas. Mas ainda constituem-se eventos raros.

Das famílias entrevistadas, percebeu-se a inserção destas mulheres no mercado de trabalho. No caso de Dona Carolina E., há a venda de comidas kasher em sua residência, encomendadas diretamente de São Paulo. Mas não se trata de modelos absolutos, em que o homem pertence ao espaço público e a mulher ao espaço privado. A manutenção da santidade da família, através do cuidado com os alimentos, assim como com o espaço da casa, constitui uma tarefa prioritária, mas

não exclusivamente, feminina. Davis (1997) narra o caso de Glikl, na Alemanha do século XVII, enquanto ávida comerciante e, ao mesmo tempo, uma mãe zelosa.

Os hábitos alimentares, muitas vezes permeados por ideologias alimentares, refletem-se cotidianamente nos espaços familiares. A definição de ‘alimento’ e ‘comida’ é importante no sentido de distinguir o emprego de ambos os termos. Para DaMatta (1986:56), “comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se”.

A cozinha judaica revela-se um espaço arraigado de significados, muitas vezes emblemática. A estrutura da casa, assim como o espaço da cozinha, onde é realizada a maior parte do trabalho estrutura-se de modo a adequar-se, o mais próximo possível, a um ideal de pureza.

Douglas (1976) assinala a separação entre puro e impuro, de modo manter a integridade não só do alimento, mas da pessoa que o consome. Ser íntegro é ser uno; assim, a integridade revela-se através da distinção, daquilo que pode ou não ser consumido pelo povo escolhido. O Rabino Chayim HaLevyDonim, em *A Cashrut no século XXI*, argumenta:

"O animal que se pode comer e o animal que não se pode comer" (Levítico 11:46) é só um dos aspectos da exigência mais ampla de Israel de “distinguir entre o impuro e o puro”, não apenas na alimentação, mas em todas as atividades da vida – sexual, moral, ética e espiritual”.

A separação entre puro e impuro vai mais além da dietética; está presente em todas as esferas da vida. Ser puro é adotar uma conduta que torne a pessoa pura. O espaço da casa também se enquadra nesta definição. “Guardai-vos de contaminadores as vossas almas, e não toqueis nenhuma destas coisas, para não ficardes manchados. Porque eu sou o Senhor vosso Deus. Sede santos, porque eu sou santo”. (Levítico 11: 43,44).

As cozinhas dos entrevistados não seguem um padrão definido, evidenciando assim as diferentes formas de professar a religião e sua religiosidade. De quatro cozinhas visitadas, apenas uma segue as regras kasher de maneira estrita, total. Isto quer dizer que apenas uma família segue um estilo de vida judaico, e que têm uma alimentação kasher, logo, são os únicos puros? De modo nenhum.

Uma das informantes, quando entrevistada em sua cozinha, mostrou que sua cozinha não estava estruturada do modo correto, mas que ela era limpa. Acompanhando a preparação de um prato típico judaico para Yom Kipur⁹, *frijuelas*¹⁰, Dona Suely L. comparou sua cozinha a de outra senhora, não judia, demonstrando que as pessoas lhe pediam as frijuelas porque sua cozinha era limpa, não passava porco, nem camarão (comidas interditas para consumo).

Percebe-se na fala de D. Suely L. que o espaço da cozinha é também enquadrado no processo de kasherização do alimento, entendendo-se este termo como processo para tornar o alimento pio.

“A cozinha de um grupo é muito mais do que um somatório de pratos considerados característicos ou emblemáticos. É um conjunto de elementos referenciados na tradição e articulados no sentido de constituí-la como algo particular, singular, reconhecível ante outras cozinhas”. (Maciel, 2005: 50).

Os preceitos bíblicos relativos ao que pode ou não ser ingerido são narrados no livro de Levítico, no Antigo Testamento¹¹, descritos na ‘Pureza Legal’, relativo aos animais puros e impuros. Por uma questão de espaço, não será possível listá-los, mas é importante situá-los. Tais restrições especificam os animais e vegetais que podem ser consumidos, através de características físicas. No caso de animais, têm que ter o casco fendido e ruminar; as aves não podem ser de rapina; os peixes têm que ser de escama; os vegetais têm que estar íntegros, sem nenhum sinal de degradação.

A lei de separação do leite e da carne, prescrita no livro do Êxodo (23:19 e 34:26) "não cozinharás o cabrito (be-chalav imo) no leite de sua mãe", é uma das leis mais significativas quanto à divisão do espaço da cozinha.

A cozinha é estruturada de modo a evitar o contato do leite de carne, o que envolve também seus objetos. O espaço da cozinha, e tudo que o integra, mostra-se compartimentado. Duas pias, duas geladeiras, duas panelas, duas gavetas de louças, com dois conjuntos de louças. Uma cozinha “dupla”. O contato do leite e da carne estende-se ao corpo, onde é proibido o consumo de carne com leite, assim como com seus derivados. Maciel (2005: 54) explica-nos que “as cozinhas implicam formas de perceber e expressar um determinado modo ou estilo de vida que se quer particular a um determinado grupo”.

Nas atividades ligadas ao lar, como já citado anteriormente, percebe-se a maior inserção feminina, onde à mulher cabe o papel de cuidar da família e de tudo que está relacionado ao lar. É claro que não se trata de uma regra geral, e que muitas destas mulheres trabalham (ou trabalharam) fora de casa. Mas, quando se trata dos conhecimentos culinários, das transmissões de receitas, do conhecimento dos ingredientes, as mulheres são logo convocadas.

Os livros de receitas judaicas são muitas vezes elaborados por mulheres judias. A comida, deste modo, torna-se emblemática, portadora de uma memória coletiva, narrando as tradições, e ressignificando muitas vezes o espaço em que se insere.

Referências bibliográficas

BE'ER, Ilana. Fluxo de sangue: a respeito da im/pureza feminina na lei sacerdotal e na literatura bíblica. In: BRENNER, Athalya (org.) *De Êxodo a Deuteronômio a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000.

BEMERGUY, Amélia. Monografia (Especialização): *Imagens da Ilusão: os judeus marroquinos em busca de uma terra sem males*. Belém – PA: Universidade Federal do Pará, 1994.

BIRNBAUM, Rabino Eliahu e ROSENBERG, Prof. Shalom (org.). *O que é Kashrut?* Antologia do Pensamento Judaico sobre as Leis Dietéticas Judaicas. São Paulo: Sêfer, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DOUGLAS, Mary. As abominações do Levítico. IN: DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EMUNAH, *Kasher com Prazer*. São Paulo: EMUNAH, 1998.

KOCHMANN, Rabina Sandra. *O Lugar da Mulher no Judaísmo*. Revista de Estudos da Religião Nº 2 / 2005 / pp. 35-45. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_kochmann.pdf.

LINS, Wagner. Monografia (Graduação): *A Particular Identidade dos Judeus da Amazônia: um olhar sobre a sinagoga Eshel Abraham – Belém-Pará*. Belém – PA: Universidade Federal do Pará, 2002.

_____. Dissertação (Mestrado): *Estrela Minguante: Memória e Resignificação do Judaísmo no Interior do Estado do Pará*. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo, 2004.

MACIEL, Maria Eunice. Identidade cultural e Alimentação. In: CANESQUI, Ana Maria (org.). *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Editora IOCRUZ, 2005.

MOREIRA, Eidorfe. *Presença Hebraica no Pará*. Belém: Falangola, 1972.

SIMON-NAHUM, Perrime. Ser Judeu na França. IN: PROST, Antoine e VICENT, Gerard. *História da vida privada, 5: da primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Pará. Orientador PIBIC/CNPq.

² Graduanda do curso de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBIC/CNPq, na mesma instituição.

³ Sefarady, em hebraico, significa Espanha, e são os judeus provenientes da Península Ibérica, que tiveram contato com a cultura dos mouros.

⁴ Espécie de comércio ambulante, de tráfego aquático. Durante a extração do látex, a venda de produtos via rios era muito comum e pouco aceito. Sobre a presença de judeus marroquinos no Pará durante a fase áurea da borracha, ver BEMERGUY, Amélia. *Imagens da ilusão: judeus marroquinos em busca de uma terra sem males*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1998.

⁵ Local onde todos os judeus se reúnem para orar, fazer a leitura da Torah e tratar de assuntos relativos à comunidade. Segundo Unterman (1992: 50), “a sinagoga era o lugar de encontro da comunidade”.

⁶ Rainha do Brasil (Cascudo, 2004), a mandioca “é consumida na forma de farinhas, da qual se faz a farinha de mandioca e tapioca ou, em pedaços cozidos ou fritos. Está presente também no preparo de receitas típicas da Amazônia como o tacacá, o molho tucupí e com suas folhas cozidas prepara-se a maniçoba”. Extraído de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mandioca>, em 28/06/2008.

⁷ Cashrut (ou Kashrut) é a palavra hebraica para as leis dietéticas judaicas. Deriva da palavra Casher, isto é “apto”, “apropriado” ou “de acordo com a lei religiosa” (Extraído do livro “O que é Cashrut? – Antologia do Pensamento Judaico sobre as Leis Dietéticas Judaicas”).

⁸ **Tora** (hebraico, significa “ensinamento”) Um dos conceitos centrais do judaísmo, que pode se referir ao ensinamento judaico do Pentateuco (...), ou da Bíblia hebraica, ou, em seu sentido mais amplo, a toda tradição judaica. (Extraído de: Unterman, 1992: 264).

⁹ Iom Kipur (hebraico, significa “Dia de Expição”) (...) é o dia mais sagrado do calendário judaico, marcando o fim dos dez dias de penitência. (...) O Iom Kipur é um jejum de 24 horas, que começa antes do pôr-do-sol e termina ao aparecer das estrelas na noite seguinte”. (Unterman, 1992: 125).

¹⁰ Massa de pastel frita em rolo, polvilhada de canela.

¹¹ A Torah judaica é constituída dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.